



Sinais dos tempos: a indústria de solúvel pode dobrar sua produção em 20 anos

Quem poderia imaginar que os inventores de um produto criado para uso do exército americano na segunda guerra mundial estariam, de fato, criando uma nova forma de consumo de café que se irradiaria por todos os cantos do planeta. Sua forma facilitada de preparo conseguiu quebrar tradições e induzir o gosto pelo café em culturas das mais diversas, dos hemisférios sul ao norte, das ocidentais às orientais.

E pensar que hoje o Brasil exporta café solúvel para mais países do que exporta em forma de grãos. Nos últimos três anos o Brasil exportou café solúvel para 131 países, além de 46 outros que receberam nosso extrato congelado, essências e assemelhados, enquanto a exportação de café verde em grãos foi destinada para 97 países. É o mais claro exemplo de transformação de uma commodity em produto final colocado à disposição do consumidor,

agregando valor, produzindo empregos, gerando impostos e proporcionando riquezas.

Com o surgimento de novos centros de consumo, as ex-repúblicas socialistas soviéticas e na Ásia, nem especialistas têm como dimensionar quão expressivo será o crescimento do consumo mundial de café, incluindo de solúvel. Várias pesquisas indicam que a demanda por café solúvel cresce mais que a de torrado e moído. Isso se deve à praticidade de seu consumo, o que o torna um produto pioneiro em mercados ainda não acostumados a esta bebida. É o solúvel que abre as portas, que desperta os mercados para a apreciação do café em suas variadas e conhecidas formas de consumo.

A Indústria do Café Solúvel do Brasil tem sua história iniciada em 1960, quando o então Instituto Brasileiro do Café-IBC publicou a Resolução 161, que criava as primeiras normas de incentivos à implantação da indústria de café solúvel no Brasil. Esta Resolução baseava-se em recomendações que indicavam a viabilidade de implantação desta indústria devido à grande disponibilidade de “grinders”, ou seja, grãos quebrados que não alcançavam a classificação para atender à demanda externa e interna, impossibilitando a sua comercialização. Contribuíram para essa decisão os significativos e onerosos esto-

ques que o IBC dispunha de café verde dessa qualidade. Além de reduzir os estoques governamentais, a industrialização desses cafés poderia ser uma oportunidade de conquistar novos mercados no exterior.

Até 1964 as exportações de café solúvel foram insignificantes e totalizaram menos de 27 mil sacas de café. A partir de 1965 as exportações apresentaram tendência crescente. Em 1967, o parque nacional de café solúvel já industrializava cerca de 2,7 milhões de sacas de café verde por ano. A crescente Indústria do Solúvel motivou a criação, pelo IBC, de políticas de incentivos para a produção do café robusta, principalmente no Estado de Espírito Santo, proporcionando assim maior disponibilidade de matéria prima às indústrias e, conseqüentemente, maior capacidade de exportação.

Em 1990 eram 14 indústrias, quando então os problemas de competitividade passaram a se evidenciar em razão de dificuldades de aquisição de matéria prima e tarifas de importação impostas ao Brasil por países europeus. Ao longo do tempo somam-se os conhecidos componentes do “Custo Brasil” e, mais recentemente, as tarifas de importação impostas pelo Japão. O conjunto desses fatores impôs às nossas indústrias condições adversas de competitividade. Nesse contexto, no-

30

“ A diferença entre o sonho e a realidade é a nossa capacidade de acreditar e realizar. ”

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Consumo de solúvel no mundo (Mil sacas)	24.692	25.357	27.015	27.519	27.775	28.558	29.998	30.657	31.459	32.319	33.335
Crescimento atual e projeções		2,68%	6,53%	1,86%	0,94%	1,00%	5%	2,19%	2,61%	2,73%	3,20%
Exportações brasileiras de solúvel (Mil sacas)	3.525	2.964	3.373	3.355	2.900	3.362	3.599	3.545	3.546	3.546	3.546
Participação brasileira	14,27%	11,68%	12,48%	12,19%	10,44%	11,77%	11,99%	11,56%	11,27%	10,97%	10,64%
Projeção mantendo-se participação 2005 (Mil sacas)	3.525	3.618	3.855	3.927	3.964	4.075	4.281	4.375	4.489	4.612	4.757

vas indústrias, aproveitando das oportunidades de crescimento de consumo do café solúvel, foram se implantando em diversas partes do mundo, inclusive em países não produtores de café.

Fazendo um pequeno exercício estatístico, se em 1967 a produção de solúvel era equivalente a 2,7 milhões de sacas, aplicando a mesma taxa de crescimento do consumo mundial de café, estimada em 2% ao ano, a Indústria de Solúvel nacional poderia estar processando 6,85 milhões de sacas de café, grande parte de café conillon.

Evidenciando ainda mais esse exercício, se a indústria brasileira de solúvel mantivesse até hoje a mesma participação nas exportações de café, 14,3% comparada ao consumo mundial de solúvel, que detinha no ano de 2005, ou seja o equivalente a 3,5 milhões de sacas, estaríamos hoje exportando perto de 5 milhões de sacas de café solúvel.

Levando em conta que o Brasil estagnou suas exportações de solúvel em 3,5 de sacas, de 2005 até hoje, podemos considerar que deixamos de acrescentar nesses 9 anos mais de 8 milhões sacas de café em nossas exportações, beneficiando produtores, indústrias, trabalhadores, arrecadando mais impostos, agregando maior valor.

Vejamos na tabela acima alguns dados do Brasil face ao contexto mundial.

A Indústria de Café Solúvel do Brasil encolheu. Hoje são apenas cinco empresas em atividade, que processam anualmente 4 milhões de sacas (3,5 para exportação e 0,5 no mercado interno). No entanto, as oportunidades são tantas que o tempo pode ser recuperado, afinal o Brasil é o maior produtor de café do mundo e em breve o maior consumidor. Ajustadas as condições de competitividade amplamente conhecidas, que se debatidas e enfrentadas pelos seus principais atores, produtores, indústrias e governo em um grande pacto de planejamento e estratégia, aplicados com inteligência, disciplina e obstinação, o país tem todas as condições de estipular metas ousadas de dobrar sua exportação em menos de 20 anos, ampliando a produção das indústrias em operação, atraindo novos empreendimentos industriais e aumentando a demanda de cafés dos produtores de café do Brasil.

Isso significa maior agregação de valor, mais empregos, mais renda para os produtores, mais impostos, mais riquezas para o País. Se o Brasil não tomar essa decisão, algum país o fará, e essa é a conta que o mundo e tantos governos vêm fazendo, ao estimular a implantação de novas fábricas em seus territórios, em detrimento a nosso parque industrial. ☹️

“ O Brasil pode e deve ocupar a liderança da cafeicultura no mundo, inclusive no Solúvel. ”

Pedro Guimarães Fernandes, é Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel e Diretor da Companhia Cacique de Café Solúvel

